

Introdução

O interesse em abordar a complexidade da questão do pai para o sujeito surgiu em minha experiência no Núcleo de Atenção à Violência (NAV), instituição que oferece atendimento psicanalítico a crianças, adolescentes e autores de agressão em situações de violência doméstica e risco social.

Uma marca da direção desse trabalho, como todo trabalho que se pretende analítico, é a escuta da singularidade de cada caso. Uma situação de violência doméstica é vivida entre a criança ou o adolescente e alguém que ocupa, na maioria das vezes, um lugar de referência para eles. Na delicadeza e complexidade dessas situações, quase sempre estão presentes sentimentos contraditórios de confiança e medo, respeito e desprezo, amor e ódio.

Desde 1998, quando iniciei meu trabalho no NAV, considerados cerca de novecentos casos atendidos, predominam os de abuso sexual¹. Oitenta por cento dos casos são de crianças ou adolescentes que viveram situações de abuso sexual por parte do pai ou padrasto, e vieram em sua maioria encaminhadas pela instância jurídica, isto é, por Varas da Infância ou Conselhos Tutelares.

Sempre me chamou muito a atenção a constatação de que é pela fala de cada uma dessas crianças e adolescentes que escutamos a gravidade da situação. Isso se dá em oposição ao senso comum, que, *a priori*, imagina o que deve sentir uma criança nessa situação ou mesmo um adulto que comete um ato de violência. É surpreendente também como, às vezes, uma situação de suspeita de violência, que pode nem se confirmar, desestrutura, de maneira grave, a vida da criança, e como, outras vezes, esta, apesar de viver uma situação prolongada de abuso sexual, consegue de alguma forma se situar e elaborar a situação.

Tal constatação clínica é surpreendente, instigante e ao mesmo tempo muito animadora, pois vemos que, apesar do horror que uma situação dessas causa, a violência não “fala por si”, ou seja, não traz em si nem o seu sentido, nem, menos ainda, o destino da criança nela envolvida. Uma situação de abuso sexual por parte do pai da criança, todavia, sempre traz consigo a problemática de ter sido cometida por alguém que supostamente representa uma função importante para ela em sua constituição.

¹ Dados publicados no livro *Lugar de Palavra* (2003) e registro posterior no banco de dados da instituição.

Assim, destacou-se para mim como questão trazida por essa clínica a complexidade da função do pai. Essa função se refere a um lugar importante na estruturação do sujeito, que não é sem referência a um lugar na cultura, dependendo também de quem venha a ocupá-lo e do modo como a criança lida com isso.

Parte-se, portanto, de situações em que se constata a importância de que a complexidade em jogo nessa função não seja reduzida, uma vez que se procura ter em conta o sujeito. O sujeito não se confunde com uma realidade individual, sendo entendido aqui, de acordo com Lacan, como efeito do fato que se fala². Desse modo, a questão a ser trabalhada nesta tese, fundamental para situar a diferença que a psicanálise pode fazer hoje no atendimento dessas situações, é a *complexidade dessa função do pai*, em cuja operação o sujeito se inclui.

Sublinha-se, em seguida, a advertência de Lacan aos analistas acerca da prudência no manejo da função do pai: “*nunca se sabe em que o pai é carente*” (1957-58: 173). Em uma das definições que ele dá dessa função, afirma que esta se refere ao “*papel essencial do pai de privar a mãe do objeto de seu desejo*” (Lacan, 1957-58: 180), fazendo com que a perda desse objeto visado nessa primeira experiência tome um sentido sexual. A ligação de uma perda ou de um inassimilável ao registro do sexual é o que aparece desde Freud (1897) como condição e origem do desejo. Desse modo, a castração³ será tomada como uma modalidade de apresentação dessa perda ligada ao campo da sexualidade agenciada pelo que Lacan intitulará o pai real, aspecto específico da função do pai⁴.

Na clínica, não é simples não reduzir o lugar do pai àquele que ocupa essa função, mas, para além desse pai da realidade e do modo como ele age ou deixa de agir, há um lugar cuja importância não está dada de antemão e tem sua incidência decorrente de diversas determinações que não são unívocas. Além disso, é na palavra do sujeito que essas determinações se apresentam.

² Lacan diz que “*quando há um sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações como alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala, isto é, como sujeito que vocês analisam*” (1957-58: 186). O Outro, segundo ele, “*não é o outro diante de quem o sujeito se encontra*”, é o “*Outro como terceiro*” ou como “*sede da fala*” (1957-58:14).

³ De acordo com Lacan, “*a castração é a operação real introduzida pela incidência do significante na relação do sexo*” (1969-70: 121).

⁴ Veremos adiante que essa função do pai real, como diz Lacan, “*procede da natureza do ato, no que se refere à castração*” (1969-70: 118).

Admite-se como base de nossa pesquisa, então, essa clínica com crianças, adolescentes e familiares em situações de violência doméstica, inserida em um contexto atual de declínio da função paterna. Sobre esse contexto, toma-se como referência as considerações de Charles Melman (2002; 2003; 2005) que situam o que hoje está em jogo na falta de autoridade e de referência de um pai. Nessa direção, importará considerar de que modo as modificações da cultura podem hipotecar ou não o que seria a operação de subjetivação⁵.

É na perspectiva de considerar que se exige do psicanalista levar em conta, “*na mesma perspectiva e num só ato, tanto problemas clínicos como problemas sociais*”⁶ que o acompanhamento dos encaminhamentos atualmente conferidos a situações de violência doméstica adquire valor. Considerando os desdobramentos que se seguem tanto a uma suspeita quanto a uma confirmação de violência doméstica, evidencia-se, muitas vezes, uma tentativa de eliminação do problema que pode redundar em uma “caça ao pai”.

O fato de os encaminhamentos para atendimento no NAV virem, em sua maioria, do campo jurídico já assinala que, hoje, esse tipo de situação é, quase exclusivamente, um caso de justiça. O pai é colado ao seu ato, e o que acontece é uma luta que prioriza afastá-lo da criança, em detrimento de torná-lo responsável pelo que fez, perdendo-se, assim, a compreensão de que o afastamento do pai, mesmo que necessário em alguns casos, não deve corresponder a retirá-lo de seu lugar de pai.

Há, em muitas situações de violência doméstica, o risco de eliminar uma alteridade, principalmente quando os desdobramentos que se seguem são também comprometedores. Por exemplo, não são poucas as vezes em que as mães buscam retirar o pátrio poder do pai e passam a se dedicar exclusivamente aos cuidados com a criança, que não raro é afastada de seu convívio social cotidiano, dos amigos e da escola.

A clínica mostra que não é possível nos anteciparmos à fala do sujeito, via pela qual se apresentará o que, para ele, há de risco e questão. Cada um articula de um modo próprio o que lhe acontece. De acordo com Lacan, “*a fala constitui não só a mediação, mas também a realidade em si mesma*” (1953: 31). Na clínica,

⁵ De acordo com Lebrun, em seu livro *Um Mundo sem Limite*, não deveria ser espantoso constatar “*que a modificação de uma ou outra das forças presentes poderá hipotecar o vir a ser dessa operação de subjetivação*” (Lebrun, 1997: 48).

⁶ Em seu livro *Paixões do objeto*, Czermak (1991: 18) diz que Lacan teria feito essa afirmação.

portanto, o importante é nos situarmos em relação aos domínios em que a palavra funciona.

Mas não é simples sustentar a direção de um trabalho analítico nessas situações de violência acompanhadas também por outros campos. O que é pertinente para o campo jurídico, por exemplo, difere em muito do que está em jogo em uma intervenção analítica.

O lugar de um pai para uma criança está para além do modo como ele está sendo ou não ocupado. Isso, todavia, não quer dizer que, para a criança, o que um pai faz ou deixa de fazer é indiferente. Inclusive, pode ser importante que ele seja chamado a responder por suas ações no campo jurídico. Na clínica, observa-se que a incidência de sua função não se reduz ao que pode ser observado em seus comportamentos.

Há vários aspectos na função do pai, e um aspecto fundamental a ser trabalhado é sustentar ou transmitir o que seria um real em jogo ou o que Lacan chama “um impossível” (1969-70: 116). De acordo com ele, essa transmissão está em questão, por exemplo, quando o pai vem representar a lei da interdição do incesto. Lacan, contudo, dá lugar a toda uma complexidade ao abordar essa função pelo viés da estrutura da linguagem. Em outros termos, ao marcar que a incidência da função do pai se dá no campo da linguagem, Lacan convoca os analistas a apurarem sua escuta.

Nesse sentido, podem ser destacadas algumas questões. Se a transmissão de um impossível não se dá independentemente das circunstâncias, como relacionar a posição de um pai com a incidência do que seria seu aspecto real ou ainda seus aspectos simbólico e imaginário? De que modo entender que a necessidade de essa função introduzir o registro do sexual ou o campo do desejo, marcado pela falta do objeto, pode se dar apesar de um pai abusivo? De que “pai” se trata no agenciamento da castração? O que faz com que a criança se situe em uma referência simbólica e se posicione como sujeito?

Como indicado, na experiência clínica do NAV, constata-se que a construção das respostas às perguntas acima se faz a cada caso. As ferramentas com que se faz toda leitura, no entanto, são fundamentais. Lacan é taxativo ao dizer que a teoria do inconsciente de cada analista é decisiva para sua técnica (1958). Aqui, toma-se essa afirmação como uma convocação a um trabalho de demarcar as bases do que está em questão na relação do sujeito com o pai, sendo o

intuito da tese, portanto, insistir na importância de que a complexidade em jogo na função do pai para o sujeito não deve ser reduzida. Os aspectos nela selecionados em relação ao real em jogo na função do pai e em relação ao sujeito serão retomados desde Freud e trabalhados à luz do ensino e da transmissão da psicanálise efetuados por Lacan.

No primeiro capítulo, veremos como Freud introduz a problemática da relação do pai com o que é causa da neurose. Nosso interesse será acompanhar como ele passa da incidência traumática do pai sedutor, referida a uma realidade da cena, para um lugar outro que é dado ao pai na fantasia ou na realidade psíquica. Esse interesse se deve à importância de delimitar de que modo a complexidade em questão na função do pai começa a se introduzir na obra de Freud. Dito de outro modo, como se assinala que essa função situa algo de irreduzível, sem que isso signifique a possibilidade de prescindir do que é a realidade ou a contingência das situações. Em seguida, utilizando o que Lacan chama, em seu Seminário *O Avesso da Psicanálise*, de os *mitos* de Freud –Édipo, Totem e Tabu, e Moisés –, mostraremos como se destacam as mesmas questões fundadoras – a relação do pai com a origem da lei da castração e do desejo –, mas também as diferenças que pode haver na abordagem dessas questões pelo viés da estrutura da linguagem.

No segundo capítulo, depois de passar por pontos teóricos que privilegiamos no que concerne à relação do sujeito com a função do pai, contaremos com recortes da clínica do NAV para articular de que modo se dá a entrada dessa função, ou metáfora paterna, neste momento singular que é o da formação do sujeito. Com o significante do *Nome do Pai*, tal como Lacan o apresenta no Seminário *As Formações do Inconsciente* (1957-58), enfocaremos, primeiramente, como se dá para a criança a entrada dessa função que liga a impossibilidade do campo da linguagem ao registro do sexual ou do desejo. Posteriormente, levando em conta o momento atual, consideraremos o que surge de novo para o adolescente em sua relação com a função do pai.

No terceiro, tomando em consideração a importância da escuta de mães e pais na clínica com crianças, mostraremos que a função do pai se articula ao modo como esse homem e essa mulher se situam em relação ao desejo. A posição dos pais tem incidência no modo como a criança é introduzida em uma articulação entre os três registros que, segundo Lacan, constituem a realidade psíquica: real,

simbólico e imaginário. Nesse capítulo, terá destaque, principalmente a partir do que Lacan trabalha sobre o caso de Hans no Seminário *A Relação de Objeto* (1956-57), a importância do que constituirá a entrada de um real no simbólico, algo fundamental para o sujeito se situar em uma posição desejante.

Por fim, no quarto capítulo, ao partir de algumas observações sobre como o lugar do pai se instaurou na nossa cultura, analisaremos de que modo a complexidade que se apresenta para o analista na condução da clínica está relacionada com a questão paterna. Serão consideradas as noções de transferência e ato analítico, e também o que seria o sujeito “se passar sem o pai”, depois de toda a importância em jogo no fato de a função do pai dar lugar ao sujeito. O interesse de finalizarmos com esse encaminhamento se deve à busca de situar a diferença fundamental que surge na clínica psicanalítica quando não se reduz a complexidade em jogo na função do pai para o sujeito.